



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO  
PSICOLOGIA**

**DÉBORA MACEDO CABRAL**

**O CORPO ADOLESCENTE NOS REGISTROS DO REAL, DO SIMBÓLICO E DO  
IMAGINÁRIO**

**FORTALEZA  
2020**

DÉBORA MACEDO CABRAL

O CORPO DO ADOLESCENTE NOS REGISTROS DO REAL, DO SIMBÓLICO E  
DO IMAGINÁRIO

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador Prof. M.e. Marcus Kleredis Monteiro Vieira.

FORTALEZA

2020

- 
- C117c Cabral, Débora Macedo.  
O corpo do adolescente nos registros do real, do simbólico e do imaginário. / Débora Macedo Cabral. – Fortaleza, 2020.  
46 f. ; 30 cm.
- Monografia – Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro, Fortaleza 2020.  
Orientação: Prof. Me. Marcus Kleredis Monteiro Vieira.
1. Corpo – Automutilação. 1. Corpo – Tatuagem. 3. Psicologia do desenvolvimento – Adolescentes - Corpo. 3. Psicanálise - Adolescentes. I. Título.

DÉBORA MACEDO CABRAL

O CORPO DO ADOLESCENTE NOS REGISTROS REAL, SIMBÓLICO E  
IMAGINÁRIO

Esta monografia apresentada no dia 22 de junho de 2020 como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. M.e Marcus Kleredis Monteiro Vieira  
Orientador – Centro Universitário Fametro

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Gardênia Holanda Marques  
Membro – Centro Universitário Fametro

---

Prof. Dr. Osvaldo Costa Martins  
Membro – Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza

FORTALEZA

2020

**Aos adolescentes que já ouvi e a todos os que ainda ouvirei. A eles todo o meu respeito e dedicação.**

## **Agradecimentos**

Agradeço a meu esposo, Rafael, e a meus filhos, João, Felipe e Davi, por todo o incentivo e suporte para que eu desenvolvesse meu trabalho da melhor forma. Por todo o respeito que sempre tiveram pelo tempo que precisei empregar longe deles. Pelo silêncio que fizeram, pelos trabalhos domésticos de que me pouparam e pela solidão que me ofertaram, mesmo que representasse sacrifício para eles. Agradeço a meu orientador, prof. Marcus Kleredis Monteiro Vieira, pela dedicação, paciência, confiança, atenção e sabedoria. Jamais teria conseguido sozinha. Agradeço aos amigos queridos, Leonardo Freitas e Bianca Melo e a Emílio César, meu cunhado pela valiosa revisão do texto. Agradeço a meus pais que, de longe, torceram sempre por mim. Agradeço a Deus que me deu saúde, disposição e tranquilidade para, em tempos tão difíceis, chegar até o fim.

## RESUMO

O presente trabalho dedicou-se ao estudo do corpo do adolescente nos registros do real, do simbólico e do imaginário. A escassez de teorização psicanalítica sistemática sobre a adolescência e a percepção, durante o percurso teórico, de que o corpo tem um papel central durante a puberdade, assim como acontece com o bebê, foi o ponto motivador deste trabalho. Foi realizada uma revisão de literatura que abordou as conceituações sobre adolescência na psicologia desenvolvimentista clássica e na psicanálise, as teorias freudianas da formação do *eu* e o ensino de Lacan. Para realizar um recorte teórico necessário a efetivação deste trabalho, foi utilizado o fenômeno da automutilação e a tatuagem. As discussões sobre a experiência do adolescente com seu corpo tiveram como suporte teórico os três registros da realidade humana propostos por Lacan. Enfatizou-se a falência do *eu* imaginário e a invasão do real nas lesões auto infligidas, bem como a elaboração de marcas narcísicas endereçadas ao grande Outro por meio das tatuagens. Este trabalho não pretendeu esgotar a questão da experiência do corpo do adolescente, mas abrir veredas para novas pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: adolescente. corpo. psicanálise.

## **ABSTRACT**

The present work was dedicated to the study of the adolescent's body in the registers of the real, the symbolic and the imaginary. The scarcity of systematic psychoanalytic theorizing about adolescence and the perception, during the theoretical course, that the body plays a central role during puberty, as well as a baby, was the motivating point of this work. A literature review was carried out that addressed the concepts of adolescence in classical developmental psychology and psychoanalysis, Freudian theories of self-formation and Lacan's teaching. In order to carry out a theoretical approach necessary to carry out this work, the phenomenon of self-mutilation and tattooing was used. The discussions about the adolescent's experience with his body were theoretically supported by the three records of human reality proposed by Lacan. The failure of the imaginary self and the invasion of the real in self-inflicted injuries were emphasized, as well as the elaboration of narcissistic marks addressed to the great Other through tattoos. This work did not intend to exhaust the question of the adolescent's body experience, but to open paths for new research on the subject.

Keywords: teenager. body. psychoanalysis.



## RÉSUMÉ

Le présent ouvrage a été consacré à l'étude du corps de l'adolescent dans les registres du réel, du symbolique et de l'imaginaire. La rareté des théories psychanalytiques systématiques sur l'adolescence et la perception, au cours théorique, que le corps joue un rôle central à la puberté, comme chez le bébé, a été le point de motivation de ce travail. Une revue de la littérature a été réalisée qui a abordé les concepts de l'adolescence dans la psychologie classiques du développement et la psychanalyse, les théories freudiennes de la formation de moi et l'enseignement de Lacan. Afin de mener à bien une approche théorique nécessaire à la réalisation de ces travaux, le phénomène d'automutilation et le tatouage a été utilisé. Les discussions sur l'expérience de l'adolescent avec son corps étaient théoriquement soutenues par les trois enregistrements de la réalité humaine proposés par Lacan. L'échec du moi imaginaire et l'invasion du réel dans les blessures auto-infligées ont été soulignés, ainsi que l'élaboration de marques narcissiques adressées au grand Autre à travers les tatouages. Ce travail n'a pas pour but d'épuiser la question de l'expérience corporelle de l'adolescent, mais d'ouvrir des pistes pour de nouvelles recherches sur le sujet.

Mots-clés: adolescent. corps. psychanalyse.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação gráfica inicial do simbólico, imaginário, real.....	20
Figura 2 – Nó de Borromeu.....	21

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A ADOLESCÊNCIA NA PSICOLOGIA E NA PSICANÁLISE .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>A adolescência por Freud.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>A adolescência no ensino de Lacan.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>O ENSINO DE LACAN E OS TRÊS REGISTROS DA REALIDADE HUMANA .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>Os três registros.....</b>	<b>20</b>
<i>3.1.1</i>	<i>O Imaginário.....</i>	<i>22</i>
<i>3.1.2</i>	<i>O Simbólico.....</i>	<i>23</i>
<i>3.1.3</i>	<i>O Real.....</i>	<i>26</i>
<b>4</b>	<b>O CORPO DO ADOLESCENTE NOS TRÊS REGISTROS.....</b>	<b>28</b>
<b>4.1</b>	<b>Do corpo infantil ao corpo adolescente .....</b>	<b>29</b>
<b>4.2</b>	<b>Automutilação, tatuagem e a experiência adolescente do corpo .....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) delimita a adolescência entre 15 e 19 anos de vida, considerando adultos jovens aqueles entre 20 e 24 anos de vida. A lei brasileira, através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece ser adolescente pessoas na faixa etária de 12 a 18 anos (BRASIL, 2007).

Inúmeros autores concordam que a adolescência, como a conhecemos hoje no mundo ocidental, compreende uma etapa da vida caracterizada por demandas complexas. Sejam elas biológicas, quando coincidem com a puberdade, ou psíquicas, uma vez que constituem uma árdua tarefa de metabolização das transformações psicossociais (AYUB; MACEDO, 2011, v.31, n.3, p. 583).

Apresentados em outro período da vida, os conflitos e afetos de um adolescente poderiam facilmente caracterizar alguém em intensa turbulência emocional e sofrimento. Jean-Jacques Rassial (2005) considera a adolescência um período caracterizado pela emergência de traços esquizofrênicos, visto que as questões pertinentes ao corpo, à identidade, à integração social e ao papel sexual coincidem com questões concernentes à psicose.

É frequente que as demandas que chegam à clínica tenham origem na família ou na escola, pois algumas das manifestações adolescentes causam mal-estar e preocupação nos adultos do seu contexto social (AYUB; MACEDO, 2011). Assim, é habitual encontrar adolescentes nas clínicas de psicologia e não foi diferente na Clínica Escola da Unifametro, durante o meu período de estágio supervisionado (2019.1/2019.2).

Os adolescentes que tive oportunidade de acompanhar, não só confirmaram meu interesse em atender esse público como me afetaram de tal forma que passei a estudar com mais entusiasmo esse tema. O desafio passou a ser encontrar na psicanálise referências à adolescência, dado que não há uma teorização sistemática nem na obra de Freud nem nos ensinamentos de Lacan.

Inicialmente, construí um projeto de pesquisa que planejava pensar sobre a transferência na clínica com adolescentes. Foi quando me deparei com a escassez de bibliografia pela primeira vez, além de dificuldades teóricas sobre a proposta do projeto. Em sequência, enquanto pensava, juntamente com o professor orientador, na melhor maneira de executar o projeto, as discussões sobre o tema foram nos

transportando para outros lugares. A pergunta seguinte foi: onde está a teoria puberal no ensino de Lacan? Indagação motivada por um artigo publicado por Olivier Ouvry, em 2016, intitulado *Lacan, théoricien du pubertaire?*, onde ele afirma a possibilidade de se trabalhar as questões da adolescência a partir dos conceitos lacanianos de teorização do sujeito e suas ferramentas lógicas.

Por intermédio desse artigo, passamos a crer que seria possível encontrar a adolescência no ensino de Lacan, mas não de uma forma tão evidente e direta. Ao mesmo tempo, partindo da leitura dos textos de Lacan e de alguns comentadores, percebemos o quanto o corpo, à semelhança do que acontece com o bebê, tem um papel central durante a puberdade. Decidimos, então, escrever sobre como o adolescente experimentava as transformações do seu corpo, mas guiados pelos três registros da realidade humana – Imaginário, Simbólico e Real – como haviam sido teorizados por Lacan. Os três registros foram integrados ao estudo para delimitar a perspectiva teórica do nosso objeto de estudo, fazendo um recorte conceitual que permitisse a sua abordagem numa monografia.

Durante o percurso de pesquisa bibliográfica, nos defrontamos com os fenômenos contemporâneos da automutilação e da tatuagem, frequentemente associados com a adolescência. Percebemos que poderiam ilustrar e nos ajudar a melhor compreender a experiência do adolescente com seu corpo. Desta forma, trilhamos o caminho caminhando. Nos deixamos conduzir pela pesquisa, sem hesitar em mudar de direção cada vez que ela nos propunha isso.

A disposição do tema nas obras de Lacan e Freud, assim como a dificuldade de levantamento de uma bibliografia sobre o recorte temático adotado, exigiu-nos a adoção metodológica de uma revisão narrativa de literatura. Conforme Cordeiro *et al* (2007, p. 429):

A revisão de literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta, dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção.

A revisão narrativa não requer que se esgotem as fontes de informação e não exige métodos sofisticados ou exaustivos na busca pelas publicações. Rother (2007) alega que pode ser utilizada como um método adequado para abordar determinado objeto a partir de pontos de vista teóricos ou contextuais e que os artigos produzidos

utilizando esse método são fundamentais para a educação continuada, pois permitem a atualização do conhecimento sobre determinado tema em curto período.

Trabalhamos com conceitos, seguindo o que diz Jacques Lacan no Seminário sobre os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954/1986):

Temos de nos aperceber de que não é com a faca que dissecamos, mas com conceitos. Os conceitos têm sua ordem de realidade original. Não surgem da experiência humana – senão seriam bem feitos. As primeiras denominações surgem das próprias palavras, são instrumentos para delinear as coisas (p. 10).

Partindo da leitura dos artigos e livros, foram escolhidas as publicações conforme sua possibilidade de responder à pergunta geradora: qual a experiência do corpo adolescente pela ótica dos três registros da realidade humana definidos por Lacan? As publicações selecionadas foram agrupadas segundo a congruência teórica e utilizadas na construção de uma síntese de caráter qualitativo.

Estabelecemos como objetivo geral compreender a experiência adolescente do corpo, a partir dos três registros da realidade humana, definidos por Lacan. Para tanto, adotamos como objetivos específicos, pretendíamos identificar os principais enunciados teóricos sobre adolescência, destacando as distinções entre a psicologia e a psicanálise; enunciar a elaboração lacaniana do Real do Simbólico e do Imaginário e compreender o corpo adolescente pela ótica dos três registros lacanianos, a partir dos fenômenos da automutilação e da tatuagem.

Por ser uma pesquisa em teoria psicanalítica, reconhecemos a irremediável ausência de *universais objetivos*, conforme pretendidos em trabalhos acadêmico-científicos. Posto isso, assumimos o traço próprio dos autores, não podendo existir uma completa sistematização (COELHO; SANTOS, 2012; IRIBARRY, 2003).

Neste trabalho, apresentamos inicialmente as definições da adolescência, concedendo especial atenção às distinções entre a psicologia clássica do desenvolvimento e a psicanálise (Cap. 1). Posteriormente, levantamos no ensino laciano os enunciados teóricos fundamentais relativos aos registros do imaginário, do simbólico e do real (Cap. 2). Por fim, discorreremos sobre o corpo infantil e o corpo adolescente, finalizando com a experiência do corpo pelo adolescente, tomando como exemplo a automutilação e a tatuagem (Cap. 3).

Nos cortes, escoriações e demais autoagressões, identificamos uma invasão do real conseqüente à falência imaginária do *eu*. Nos signos indelévels das tatuagens, supomos marcas narcísicas que se ofertam ao olhar dos outros e do Outro.

Não temos intenção de esgotar o tema. Trazemos mais questões que resposta, mas desejamos, quem sabe, apontar mais possibilidades de investigação para a pesquisa em teoria psicanalítica.

## 2 A ADOLESCÊNCIA NA PSICOLOGIA E NA PSICANÁLISE

No senso comum, a adolescência costuma ser entendida como um período onde a criança perde a sua graça e torna-se um ente de difícil convivência, repleto de crises e conflitos consigo e com os outros. *Aborrescente*, inconseqüente, rebelde, esquisito e provocador são adjetivos comumente empregados numa tentativa de classificar a adolescência. Talvez, num esforço para diminuir a angústia de não saber lidar com os fenômenos característicos desse momento da vida.

A noção de adolescência é hoje muito bem aceita em nossa sociedade ocidental, mas nem sempre foi assim. Se a puberdade<sup>1</sup> é um fenômeno universal, identificado em todos os tempos e até mesmo em todas as espécies de mamíferos, a adolescência é um evento contemporâneo, específico das sociedades ocidentais, que surgiu em meados do século XIX.

Somente após o reconhecimento da infância como fase de investimento e valor, tal qual descrito nos trabalhos do historiador francês Philippe Ariès (1978/1986), a adolescência passou a ser objeto de atenção. Segundo Winnicott (2000), a adolescência só pôde ser pensada após as duas grandes guerras. A primeira obra registrada sobre o assunto intitulava-se *Adolescência: sua psicologia e relação com fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação*, publicada em 1904 pelo psicólogo e educador estadunidense Granville Stanley Hall. Conforme

---

<sup>1</sup> “A puberdade constitui uma parte da adolescência caracterizada, principalmente, pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal, evolução da maturação sexual. A puberdade é um parâmetro universal, ocorrendo de maneira semelhante em todos os indivíduos; já a adolescência é um fenômeno singular caracterizado por influências socioculturais que vão se concretizando por meio de reformulações constantes de caráter social, sexual e de gênero, ideológico e vocacional” (BRASIL, 2007, p. 8).

apresentada por ele, a adolescência era uma fase perigosa, padronizada e inevitável, regida exclusivamente pela hereditariedade (GROSSMAN, 2010, p.49; SENNA; DESSEN, 2012, p.102).

Enquanto Hall desenvolve sua teoria a partir de base biologicista filogenética e ontogenética, Erik Erikson uniu a psicanálise ao âmbito da antropologia cultural, criando a teoria psicossocial do desenvolvimento. Elaborou oito estágios do desenvolvimento, quatro correspondentes à infância e quatro à vida adulta e velhice. Dá especial relevância à adolescência, uma vez que seria a passagem da infância à vida adulta. Trata-se do quinto estágio, associado a um conflito entre identidade e difusão de papéis. Erikson critica a universalidade da adolescência e defende a influência do contexto (OLIVEIRA, M., 2006, p. 428), posto que sua teoria contempla aspectos biológicos, individuais e sociais.

O biólogo suíço, Jean Piaget, privilegiou os processos cognitivos do desenvolvimento. Sua teoria baseava-se no interacionismo, ou seja, o processo evolutivo decorre de uma origem biológica e em interação com o meio ambiente.

Definiu quatro estágios do desenvolvimento humano: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 a 11 ou 12 anos) e operatório formal (11 ou 12 anos em diante). Assim, a adolescência faz parte do último estágio do desenvolvimento, onde se atinge o padrão intelectual que perdurará até o fim da vida. Significa que esse será o método de raciocínio padrão utilizado pelo adulto.

Piaget afirmava que o desconcertante comportamento adolescente decorre da sua maneira característica de compreender a realidade, que o obriga a construir sistemas filosóficos próprios para adequar-se ao mundo adulto (INHELDER; PIAGET, 1955, p. 304).

Apresentando o materialismo histórico e dialético, Lev Semyonovich Vygotsky, psicólogo e pensador nascido na atual Bielorrússia, sugere cinco fases do desenvolvimento. A fase da adolescência se localiza entre os 14 e os 18 anos, podendo variar de acordo com circunstâncias e com as relações humanas a que são expostos.

De acordo com Koshino (2011)

É nesta idade que se manifestam com nitidez as relações entre as verdadeiras necessidades biológicas do organismo e suas necessidades culturais superiores, que são chamadas de interesses [...]. Nesta fase,



observa-se a existência de um complexo entrelaçamento dos complexos de extinção e nascimento de novas necessidades em sua conduta. Este processo de extinção dos interesses infantis na idade de transição é particularmente longo, sensível e doloroso (p. 63).

Sempre ressaltando a dialética, Vygotsky entende a conduta humana como produto do desenvolvimento histórico e cultural, além do desenvolvimento orgânico (KOSHINO, 2011, p. 64).

A psicologia do desenvolvimento humano estuda os aspectos biológicos e sociais, afetivos e cognitivos ao longo de todo o ciclo da vida. Para isso utiliza-se de conexões com outras áreas do conhecimento, como medicina, sociologia, antropologia, biologia e educação. Comumente emprega metodologias de pesquisa específicas como estudos longitudinais, controlando-se as múltiplas variáveis que afetam o desenvolvimento dos sujeitos (MOTA, 2005, p. 106 e 107). Em referência ao corpo do adolescente, fala-se especialmente sobre a influência hormonal, sobre o seu desenvolvimento e seus efeitos biopsicossociais. Em sua maioria, apoiam-se em fases bem delimitadas de desenvolvimento que apontam para um devir adulto desejável.

A psicanálise, diversamente da psicologia, não estabelece fases cronológicas, mais ou menos universais, diferenciadas por critérios biológicos. Ela se utiliza do inconsciente como seu objeto, definido pelo seu âmbito epistemológico para considerar o desenvolvimento humano. Refere-se ao sujeito do significante, aquele inserido na linguagem e representado em uma cadeia de significantes, como veremos nos capítulos subsequentes. Também entende que a adolescência pode ser considerada um sintoma da puberdade (LIMA, 2009).

Apesar de Freud falar apenas em puberdade, como iremos explicar mais adiante, muitos comentadores encontram na sua obra bases teóricas que sustentam a adolescência. Dantas (2002) sugere que, para que a adolescência se afaste da compreensão do desenvolvimento biológico e ganhe status de metapsicologia, precisa ser pensada pela perspectiva do *Projeto* (1895). Isso significaria considerá-la como “[...] o segundo tempo do trauma, tempo de *re-significação* do primeiro momento (edípico). Assim sendo, haveria conformidade com o tempo psíquico que rege a dinâmica dos processos inconscientes (p. 17). Portanto, não concerne apenas em uma fase de passagem, mas em um tempo que demanda trabalho psíquico específico e relevante.

Seguindo esse fundamento, Françoise Dolto (1984, *apud* RASSIAL, 2005) diz, em uma de suas conferências, que o fim da adolescência é uma aceitação do luto dos pais. Alberti (2002) alega que viver ou não a adolescência é uma escolha do sujeito e que acarreta pagar o preço do apartamento dos pais e assumir que o Outro é castrado. Também afirma existir o pavor de que a falha desse Outro resulte na sua não sustentação enquanto sujeito. Significa dizer que esse desligamento é conseqüente à não sustentação da posição idealizada dos pais.

Winnicott (1975), apesar de fazer parte da escola inglesa, com perspectiva mais desenvolvimentista, fala da necessidade manifesta na adolescência de *assassinar* os pais, visto que se tornar adulto acontece sobre o cadáver de outro adulto, ou seja, há uma desqualificação ordinária dos pais, corroborando com o pensamento acima descritos sobre a insustentabilidade das fantasias infantis sobre as figuras materna e paterna.

## 2.1 A adolescência por Freud

A importância que diversos autores, psicanalistas ou não, têm dado atualmente à questão seria dificilmente visível à época criativa de Freud, quando a adolescência começava ainda a emergir no discurso social (OUVRY, 2017). Desta forma, é manifesto que haja um lapso na obra freudiana no tocante a uma teorização sistemática da adolescência (VIEIRA; VOCARO, 2014). Ao longo de sua obra, é possível encontrar algumas vezes o termo puberdade, não havendo, entretanto, uma clara referência à adolescência.

Inicialmente, Freud acreditava que a sexualidade irrompia com as ações hormonais da puberdade. Com a descoberta da sexualidade infantil, essa ideia perdeu sua força (DANTAS, 2002).

Quando escreve *Histeria* (1888/1996), Freud cita a puberdade quando fala que “a juventude, dos quinze anos em diante, é o período no qual a neurose histérica, na maioria das vezes, se mostra ativa em pessoas do sexo feminino” (p. 88).

Cabe ressaltar que a puberdade, naquele período, era vista por Freud como o momento único em que emergia a sexualidade humana. Porém, ao longo de sua formulação, vai retrocedendo à infância, admitindo experiências de cunho sexual nesse período, mesmo que sob a estimulação de um adulto (VIERIA e VOCARO, 2014).

De fato, em *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1977, v. 1, p. 469), encontra-se escrito que “todo adolescente, portanto, traz dentro de si o germe da histeria”. Em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1977), lê-se:

[...] é tão frequente vermos adolescentes anteriormente sadios, embora excitáveis, adoecerem de histeria durante a puberdade, que devemos perguntar a nós mesmos se esse processo não poderia criar uma predisposição para a histeria quando ela não está inatamente presente (v.2, p. 301).

Posteriormente, quando escreve os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), situa na puberdade o culminar da teoria sexual infantil. Tratando sobre a escolha objetal, afirma que acontece em dois tempos, como em “duas ondas”. A primeira, entre dois e cinco anos, sendo interrompida pelo período de latência, que aponta para a “natureza infantil de seus alvos sexuais”. A segunda, aconteceria na puberdade e marcaria a “configuração definitiva da vida sexual”. A questão por ele levantada é que a segunda escolha pressupõe desistir da primeira. Ainda nesse texto, encontra-se a assertiva do desligamento da autoridade dos pais durante a adolescência.

Indiretamente, Freud aborda o tema à medida que relata casos de pacientes adolescentes, como o *Caso Dora* (1901-1905/1996), o caso do *Homem dos Lobos* (1918) e o caso da jovem homossexual (1920/1996), quando fala sobre a revivescência do complexo de Édipo (FREUD, 1856-1939/2018, p.170).

Em outros textos, ou reforça a teoria do início da sexualidade ainda na infância (*Análise terminável e interminável*, 1937/1996; *A mente e seu funcionamento*, 1938/1996; *Psicanálise*, 1926/1996) ou se refere à puberdade a partir da ótica da fisiologia/anatomia (*A mente e seu funcionamento*, 1938/1996; *Sexualidade feminina*, 1931/1996;).

Acreditamos que, mesmo que não se tenha detido explicitamente à questão, seja possível fazer uma leitura da adolescência a partir dos conceitos por ele elaborados, assim como por aqueles acrescidos posteriormente por Jacques Lacan. Até por que,

[...] não é apenas a partir dos “ditos” freudianos que podemos apreender seus conceitos, seus fundamentos, mas também a partir do que se deixa ver em suas contradições, interrogações e insistências, construindo hipóteses sobre os problemas que o acossavam (VIEIRA; VORCARO, 2014, p. 145).

## 2.2 A adolescência no ensino de Lacan

Partindo das suas conferências e seminários, Lacan foi extremamente profícuo, produzindo uma vasta bibliografia. Contudo, Lauru (2016) afirma que após cuidadosa pesquisa, a palavra adolescência aparece em um texto dos Escritos, *Introdução teórica às funções da psicanálise na criminologia* (Lacan, Cénac, 1950), que ele escreveu em colaboração com M. Cénac. O termo é mencionado duas vezes lá, bem como o significante *puberdade*. Todavia, Lauru questiona se não estaria aí, na verdade, a assinatura de M. Cénac.

A referência corresponde ao trecho onde se lê

É ainda mais significativo reconhecê-la na sucessão das crises - desmame, intrusão, Édipo, puberdade, adolescência – que reformulam, cada uma delas, uma nova síntese dos aparelhos do eu, numa forma cada vez mais alienante para as pulsões que ali são frustradas, e cada vez menos ideal para as que ali encontram sua normalização. Essa forma é produzida pelo fenômeno psíquico mais fundamental, talvez, que a psicanálise descobriu: a identificação, cujo poder formativo revela-se até na biologia. E cada um dos chamados períodos de latência pulsional (cuja série correspondente é complementada pelo que Franz Wittels descobriu quanto ao ego adolescente) é caracterizado pelo predomínio de uma estrutura típica dos objetos do desejo (p. 124-143).

Lauru constata, assim, uma lacuna causada pela “[...] ausência de qualquer desenvolvimento teórico por J. Lacan em relação a essa idade da vida” (LAURU, 2016, p. 358, tradução nossa)<sup>2</sup>. Contudo, crê ser possível trabalhar teoricamente as questões da adolescência a partir de conceitos por ele forjados. “Em particular sua teorização do sujeito e suas ferramentas lógicas, as quais ele nos propôs principalmente na sua releitura de Freud” (LAURU, 2016, p. 359, tradução nossa).<sup>3</sup>

Assim como Didier Lauru (2016), Ouvry (2017) também acredita que não seja possível que as conceituações de adolescência não se encontrem no trabalho de Lacan. Certamente lá estão, mas de forma velada, “[...] sob a forma de um esboço, de um ponto desfocado no trabalho, de uma passagem de uma teoria a outra [...] como um ‘saber não-sabido’” (p. 313).

<sup>2</sup> “[...] l’absence de tout développement théorique de J. Lacan concernant cet âge de la vie”.

<sup>3</sup> “En particulier sa théorisation du sujet et les outils logiques qu’il nous a proposés principalement dans sa relecture de Freud”.

Portanto, é a partir deste ponto que começa o nosso percurso, na tentativa de apontar o que sobre a adolescência estaria possivelmente velado, “[...] como figuras de suporte do que é não-percebido e que, apesar de tudo, impõe-se por seus efeitos inelutáveis” (OUVRY, 2017, p. 313).

Se o advento de um corpo adulto, ou principalmente o ocaso do corpo infantil, traz consigo essa revivescência do Édipo, sugerida por Freud, decidimos, portanto, utilizar o corpo como caminho para discorrer sobre os efeitos da puberdade no adolescente através do ensino de Lacan. Sendo o corpo o caminho, os três registros – Real, Simbólico e Imaginário (RSI) - seriam os balizadores nessa nossa travessia pela adolescência.

Alberti (2009, p.59) afirma que a psicanálise não estuda a adolescência para explicá-la, mas para “[...] tentar dar conta dos fatores que levam o sujeito a se ‘identificar’ com a adolescência”. Por concernir em um trabalho exploratório, nós também não buscamos explicações. Queremos apenas lançar pistas para uma nova possibilidade de leitura.

### **3 O ENSINO DE LACAN E OS TRÊS REGISTROS DA REALIDADE HUMANA**

Jacques-Marie Émile Lacan nasceu em Paris em 13 de abril de 1901. De família religiosa, estudou em escola católica que privilegiava o ensino da matemática e da filosofia. Formou-se médico e posteriormente psiquiatra. Analisado por Rudolph Loewenstein, uniu-se à Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) (JACQUES LACAN, 2020).

Em 1951, propõe um *retorno a Freud*, julgando que os chamados psicanalistas pós-freudianos, com a criação da *Psicologia do Ego*, teriam se desvirtuado da essência teórica do criador da psicanálise. Como sugerem Jorge e Ferreira (2005), “ele empreende, passo a passo, uma ‘reconquista do campo freudiano’”. Como parte desse intento, começa a realizar seus seminários. Inicialmente, partindo da leitura de textos freudianos, mas sob forte influência das “[...] ciências de ponta de sua época, a antropologia estrutural de Lévi-Strauss e a linguística de Saussure” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 18).

A transmissão do ensino lacaniano era fundamentalmente oral, através de seminários e conferências, o que resultou em 27 seminários publicados. Além da

linguística e da antropologia, recorreu à matemática, à lógica e à topologia, o que permitiu uma aprimoração dos conceitos que abordaremos em seguida.

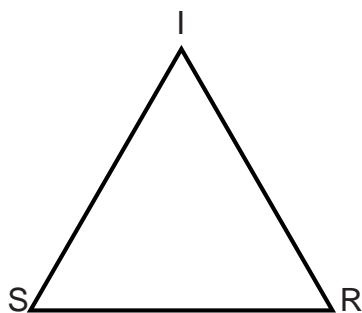
Perante o vasto ensino, optamos por extrair a conceituação dos três registros – IMAGINÁRIO, SIMBÓLICO e REAL – a fim de contemplarmos a experiência corporal do adolescente.

### 3.1 Os três registros

Em 8 de julho de 1953, numa conferência nomeada *O simbólico, o imaginário, o real*, Lacan introduz esses conceitos como um ternário. Refere-se a eles como “[...] os registros essenciais da realidade humana [...]” (LACAN, 1953, tradução nossa)<sup>4</sup>. Para Clavurier (2013), “[...] real, simbólico, imaginário é provavelmente um paradigma tão importante para a psicanálise lacaniana quanto as tópicas freudianas”. É quando, segundo Jorge e Ferreira (2005), ele inicia a construção dos conceitos que utilizará como ferramenta de dissecação da obra freudiana na sua originalidade. Conceitos esses que ele parece ter encontrado latentes nos próprios escritos de Freud.

Em 1953, eles eram apresentados de forma que ficavam dispostos nos vértices de um triângulo (figura 1).

Figura 1: Representação gráfica inicial do simbólico, imaginário, real.



Lacan utiliza essa configuração para ilustrar a circulação do analisante entre esses termos ao longo de sua análise, para referenciar o trajeto do sujeito em sua análise (CLAUVRIER, 2013, p. 127).

Mais tarde, após uma conversa com uma jovem matemática que lhe aponta uma figura singular de três elos no brasão da família dos Borromeus, Lacan considera

---

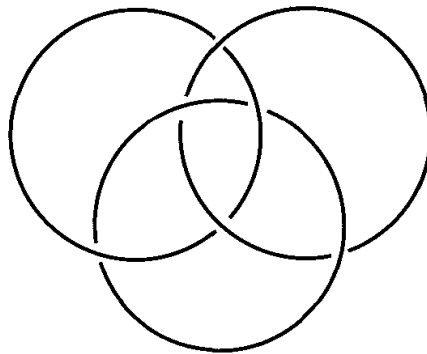
<sup>4</sup> “[...] les registres essentiels de la réalité humaine [...]”

integrar a forma ao seu ensino. Num fragmento do Seminário ...ou pior, encontra-se o seguinte relato:

Estranhamente, enquanto eu me interrogava, ontem à noite, com a minha geometria da téttrade, sobre a maneira de lhes apresentar isto hoje, sucedeu-me, ao jantar com uma pessoa encantadora que é ouvinte nas aulas do Sr. Guilbaud, que me fosse dada, como um anel posto no dedo, uma coisa que quero lhes mostrar, uma coisa que não é nada menos, ao que parece, segundo eu soube ontem à noite, do que o brasão de armas da família Borromeu (LACAN (1971-1972), 2012).

A partir do Seminário RSI, Lacan passa a usar essa estrutura topológica matemática, chamada nó de Borromeu ou nó borromeano, para ilustrar a relação entre os três registros. Trata-se de um enlace de três estruturas circulares onde a principal propriedade consiste em que a remoção de um anel desprende os outros dois e a estrutura deixa de existir. De outra forma, concerne em uma cadeia de três nós livres. Ainda, o nó borromeu consiste estritamente no fato de que 3 é o mínimo (Lacan, 1974-1975, tradução nossa)<sup>5</sup> (Figura 2).

Figura 2: Nó de Borromeu.



Fonte: LACAN (1971-1972), 2012.

Afinal, a que se refere Lacan quando fala em real, simbólico e imaginário? Conforme Jorge e Ferreira (2005), seria preferível iniciar pelo que não são: “o real não é a realidade, o imaginário não é a imaginação, o simbólico não é uma simbólica” (p. 32). Clavurier (2013, p.129) afirma que estes instituem o “[...] lugar de habitação do dito [...] são as três dimensões constitutivas do espaço habitado pelo homem na condição de ser falante”.

---

<sup>5</sup> “Le nœud borroméen consiste en strictement ceci que 3 en est le minimum”.

Destacamos que não há aqui a pretensão de se trabalhar como os registros a partir dos seus enodamentos. Mesmo compreendendo que os registros se apresentam na experiência humana em múltiplas associações, como representadas nos nós, abordaremos cada registro isoladamente. O objetivo, considerando o escopo deste trabalho, é evitar os excessivos desdobramentos teóricos dos três registros no ensino de Lacan. Posto isso, seguiremos a sequência adotada por Lacan no seu ensino, iniciando pelo Imaginário (1936-1953), sendo o Simbólico subsequente (1953-1976) e o Real logo após (1976-1980) (CUKIERT, 2004).

### 3.1.1 O Imaginário

Em comunicação feita no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Lacan apresenta *O estádio do espelho como formador da função do eu*, texto que foi publicado em seguida nos *Escritos* (1966/1998). Esteia-se, dentre outras, na teoria do psicólogo francês Henry Wallon que explica que o processo de individualização ou formação do *eu* na criança acontece mediante a experiência de reconhecimento das diversas partes do próprio corpo como uma unidade.

A partir do desenvolvimento do sentido da visão, a imagem passa a ocupar um lugar de identificação e júbilo para o bebê. Inicialmente pela percepção de outras figuras humanas, em seguida pela percepção da sua própria figura. Lacan então revisita Wallon, tendo Freud como princípio, o que converte o espelho no “[...] semelhante e o estádio do espelho se transforma numa estrutura ontológica do mundo humano” (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p.144).

Para Ogilvie (1991, p. 112), a imagem que a criança vê no espelho é “[...] a forma antecipada daquilo que ele não é, mas que não há outra possibilidade de não crer senão que é”. Essa imagem permite que o bebê se desloque da fase pré-espelhar e constitua uma subjetividade através de uma identificação primeva com um corpo potente, inclusive, além das suas capacidades motoras reais no momento. “[...] é aí que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu” (LACAN, 1975/1986, p.96) pois, originalmente, o *eu* falta a si mesmo (KAUFMANN, 1996).

Lacan considera que neste momento há não apenas a construção do *eu*, mas do *outro* e da *realidade*, como um único e mesmo processo (OLIVEIRA, R., 2017). Ele



introduz aqui o conceito do outro (*autre*) como semelhante e do Outro (*Autre*) como determinação pelo inconsciente, apontando como a imagem do próprio corpo, desde esse outro, é estrutural na formação do *eu* e na imagem assumida pelo sujeito (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002). Foi também nesse ponto que Lacan recorreu à teoria freudiana sobre a constituição do *eu*, quando, partindo da segunda tópica, diz ser o *eu* a “sede das resistências, agente do recalque e da denegação quando se realiza o retorno ao recalçado” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 41).

O imaginário corresponderia então “[...] à nomeação do registro psíquico referente aos desenvolvimentos freudianos sobre o narcisismo e a libido” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 37).

Aliás, nesse momento da elaboração lacaniana, o corpo, em sua perspectiva imaginária, surge como a própria matriz fundante do sujeito, afirmando a importância da imagem na causalidade psíquica e na passagem ao narcisismo (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 146).

Ainda segundo Jorge e Ferreira (2005, p. 35), o imaginário é tudo o que concerne “à imagem do corpo sem a mediação da palavra [...]”, o que restringiria as relações humanas à correspondência especular, sem permissão para equívocos, uma vez que exclui a mediação simbólica.

Por ser um registro eminentemente ligado à construção do *eu* e à apropriação do próprio corpo pela criança, está também vivamente presente no período da adolescência, sobretudo pelas mudanças provocadas no corpo durante a puberdade. Tal aspecto será retomado mais detalhadamente no próximo capítulo.

### 3.1.2 O Simbólico

Lacan, inicialmente, articula o estágio do espelho a partir do registro imaginário. Na década de 1950, com a inserção do Outro, esse conceito passa a ser submetido à ordem simbólica. De acordo com Jorge e Ferreira (2005), do mesmo modo que a imagem assinala uma forma de registro da realidade humana, é certo que a linguagem também o faça.

Partindo da experiência psicanalítica em sua dimensão linguageira e influenciado pela linguística de Ferdinand Saussure, pelos estudos de Claude Lévi-

Strauss e fundamentado pelos textos freudianos, Lacan desenvolve a lógica da primazia do significante, onde ancora a relação entre o inconsciente e a linguagem.

Para compreendermos o desenvolvimento desse conceito precisamos seguir o que Saussure discorre sobre signo linguístico. Ele aplica esse termo durante suas aulas ministradas em Genebra, na Suíça, entre 1907 e 1911. Tal locução diz respeito a uma “[...] entidade linguística global, composta de uma face fonológica e outra conceitual [...]” (CUNHA, 2008, p. 1). A face fonológica se refere ao significante, definido como uma imagem acústica. A face conceitual seria o significado, a imagem da coisa falada. Não há uma relação lógica entre os dois, apenas a arbitrária imposição da língua. Desse modo, significante e significado não estão irremediavelmente colados, uma vez que Saussure fala que essa união seria imotivada e a arbitrariedade linguística, relativa (CUNHA, 2008).

O significante, como cunhado por Lacan, “[...] é a unidade mínima do simbólico e tem como característica o fato de jamais comparecer isolado, mas sempre articulado com outros significantes” (JORGE; FERREIRA, 2005, p.45). Eles se apresentam em cadeias e a menor delas é formada por uma díade. O sujeito resvalaria a todo momento por uma cadeia de significantes e só poderia ser representado em um intervalo entre dois deles. Como é da natureza do registro simbólico, o significante é polissêmico, o que retira o sujeito da pregnância do imaginário e o lança na falta ôntica, como abordado no Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (LACAN, 1964/1998).

Em três textos de Freud, Lacan identifica a estrutura do inconsciente como uma linguagem, por isso, nomeia-os *trilogia do significante*. São eles *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) (SADALA; MARTINHO, 2011). Aquilo “[...] que Freud designa por cadeia associativa, Lacan vai chamar de cadeia de significantes [...]” (QUINET, 2011, p. 30).

Voltando ao estágio do espelho, agora pela ótica do registro simbólico, entendemos que, primordialmente, o bebê estaria alienado ao desejo do grande Outro fundamental. Não existiriam, pois, dois desejos, mas um desejo alienado ao desejo do Outro. A entrada no simbólico seria a única forma de fuga dessa alienação, ao mesmo tempo que possibilitaria a instituição do sujeito. Haveria aí uma substituição

da alienação na imagem pela “[...] alienação estrutural ao Outro de cadeia significativa [...]” (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 146).

Em resumo, para se constituir, a criança necessita ser objeto do olhar bem como ter um lugar no campo do Outro enquanto *tesouro dos significantes*. Sobre esse processo, Garcia-Roza (1988) esclarece que:

Apesar de a criança não ter ainda acesso à sua própria fala, ela é falada pelos outros, ela já surge num lugar marcado simbolicamente. Ela mesma não dispõe ainda de uma função simbólica própria, no entanto é, desde o seu nascimento e mesmo antes dele, “simbolizada” pelos outros. (Garcia-Roza, 1988, p.213).

Quando Garcia-Roza (1988) afirma que a criança, no início da sua vida, é simbolizada pelos outros, refere-se à relação com o Outro que existe por meio da linguagem. Mesmo não possuindo tão precocemente uma rede de signos que possibilite sua comunicação, essa rede é construída pela cultura, notadamente por quem detém a função materna.

Ainda sobre a constituição do sujeito engendrada no registro simbólico, Sbardelotto *et al* (2016) dizem que:

A princípio a criança não tem seu Outro, o Outro é a mãe, a criança necessita se apropriar dos significantes dela para, a partir daí, fundar seu próprio inconsciente, seu Outro (p. 116).

O que aqui podemos assegurar é que o registro simbólico e o nascimento do sujeito estão irremediavelmente vinculados à separação do Outro. Tal cisão ocorre por um movimento de simbolização, quando o bebê sai da posição de objeto do desejo da mãe e passa a ser um sujeito desejante.

Isso só é possível se houver a quebra da relação alienada, ou seja, tem que haver a separação, um novo significante precisa se inscrever na relação para que a articulação dos significantes aconteça, esse significante é o chamado Nome-do-Pai ou Lei do Pai ou ainda, metáfora paterna (SBARDELOTTO *et al*, 2016, p. 116)

Explanando o retorno ao Édipo por ocasião da puberdade, Freud escreve que o desligamento da autoridade dos pais é “[...] uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade [...]” (Freud, 1905, p. 213). Sobre isso, Alberti (2010, p. 46) explica que esse trabalho psíquico significa assumir que “[...] só é possível contar com o Outro em nível simbólico”.

### 3.1.3 O Real

De forma distinta dos registros do imaginário e do simbólico, que possuem textos fundantes de sua sistematização – *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949) e *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), respectivamente -, o conceito de real encontra-se de forma dispersa e assistemática por toda a obra lacaniana. Assim, para melhor compreensão, faz-se necessário seguir minimamente a trilha de construção desse conceito, desde as elaborações freudianas.

No seu livro *A interpretação dos Sonhos* (1900/2006), Freud cita por duas vezes a expressão *umbigo do sonho*. Na primeira, numa nota de rodapé relativa ao capítulo 2, escreve que “existe pelo menos um ponto em todo sonho ao qual ele é insondável – um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido” (p. 145). Na segunda citação, retirada do capítulo 7, encontra-se o seguinte:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; [...] esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. (p. 557).

Freud usa o vocábulo *desconhecido* (*Unerkannt*), referindo-se ao inconsciente e ao mistério dos pensamentos oníricos e ao mesmo tempo para qualificar aquilo que “[...] sendo insondável, não se deixaria desenredar[...]

(TRINCA, 2015, p. 118). Para Trinca, significa pensarmos uma dualidade do inconsciente, como algo que poderia tornar-se inteligível e algo que permaneceria sempre desconhecido; um inconsciente não figurável. Freud, já no início da psicanálise, aponta para um limite da linguagem, um ponto sobre o qual ela não é capaz de avançar. De certa forma, esse limite apontado por Freud se atualizará no ensino de Lacan através do conceito de real.

Na virada da segunda tópica, em 1920, quando escreve *Mais Além do Princípio do Prazer*, Freud apresenta a compulsão à repetição, nomeando-lhe pulsão de morte. Ele parte da observação de manifestações clínicas que escapavam ao princípio do prazer, antes considerado como regente soberano do aparelho psíquico (JORGE, 2010). Sobre isso, Freud diz que é uma força constante porque não cessa de buscar satisfação. No entanto, essa satisfação é impossível de ser alcançada posto que seu objeto, chamado por Freud *das Ding*, na verdade não existe. *Das Ding* – a

coisa – não existe pelo fato de ser um objeto suposto pelo nosso aparelho psíquico. A satisfação completa, presumidamente perdida.

O que a pulsão quer é *das Ding*, mas o que ela recebe é o objeto *a*. E a nossa vida cotidiana é feita disso, a vida humana é regida por esse vetor, tendendo a obter a absoluta satisfação, impossível de ser obtida. Esse é o dramático, se não o trágico, da existência humana (JORGE, 2010, p. 134).

De acordo com Jorge (2010), Lacan, calcado em Freud, entende que há um real em jogo na pulsão, um impossível de ser satisfeito. Portanto, discorrendo sobre o objeto da pulsão, ele extrai de Freud o entendimento de que esse objeto é variável. É então que passa a mencioná-lo como *objeto pequeno a (petit a)*. “[...] um des-objeto, um objeto que não há, pura falta” (p.124). Na fala do próprio Lacan “[...] é apenas a presença de um cavo, de um vazio ocupável [...]” por qualquer objeto (LACAN, 1964/1998). Não se refere ao que ainda não foi conhecido, mas ao que não cessa de não ser conhecido, ao que é impossível.

Dessa forma é aceitável que se aborde o real como consequência da insuficiência simbólica, como o resto que tende a retornar sob forma de repetição (MATHEUS, 2007) ou como o furo que se revela diretamente na psicose e indiretamente na neurose (JORGE; FERREIRA, 2005). Por sua indefinibilidade, falta-lhe representação psíquica.

Outra concepção lacaniana que alude ao registro do real é o gozo. Freud não o situou como um conceito, mas o circunscreveu no mais-além do princípio do prazer. Enquanto falava sobre a economia do prazer, Freud utilizava duas palavras: *lust* (prazer) e *genuss* (extremo prazer), traduzido por Lacan como *la jouissance*. *Genuss* indicava um gozo excedente, que em certas situações, se relacionava ao “[...] horror ou júbilo mórbido” (VALAS, 2001, p. 7). Apesar da ambiguidade gerada pelo uso da palavra na língua corrente, gozo (*jouissance*) e prazer não se equivalem.

Retomamos, então, o que já foi dito sobre a pulsão de morte, quando Freud percebe que a repetição de situações dolorosas sob transferência, se opõem ao princípio do prazer. O que aqui se revela é que prazer e gozo não se inscrevem da mesma forma. A dor e o desprazer podem ser identificados como fonte de satisfação.

Para efeito deste trabalho, não abordaremos as diversas modalidades de gozo postuladas por Lacan, mas sublinharemos seu constituinte fundamental de real corporal. Por ora, fiquemos com a asserção de Bidaud (*apud* RABELAIS, 2012, p. 43):

“o sujeito que se aproxima do gozo tem uma conduta transgressora em relação ao próprio corpo”.

A designação desses três registros da realidade humana enriquece e amplia a compreensão e o alcance das teses freudianas (JORGE; FERREIRA, p. 30). Acreditamos que também lance luz sobre os destinos psíquicos dados ao corpo púbere, na sua temporalidade e nos fenômenos que lhe são próprios.

Nas palavras de Lacan (1974-1975, p. 25, tradução nossa), “que o nosso corpo seja de três dimensões, não há nenhuma dúvida”<sup>6</sup>. Se na puberdade o sujeito é convocado a realizar um trabalho psíquico quando há uma ressignificação da sua relação com o corpo ou, como diz Lima e Santiago (2009, s.p.),

O corpo *púbere*, em transformação, denuncia os pontos de fraqueza da *unidade especular* construída na infância. As perguntas sobre o ser, sobre o sexo, sobre o próprio desejo e o desejo do Outro, surgidas na infância e silenciadas na latência, são redespertadas na adolescência,

cremos na relevância de pensar o corpo adolescente pelo prisma dos três registros.

Supomos que será possível contemplar no próximo capítulo alguns fenômenos intensificados pelas transformações radicais do corpo púbere e que se impõe aos registros do imaginário e do simbólico como uma invasão de real. Para isso, lançaremos mão de alguns fenômenos relevantes da clínica com adolescentes no nosso tempo, centrados nas suas manifestações no corpo. São eles, a automutilação e a tatuagem.

#### **4 O CORPO DO ADOLESCENTE NOS TRÊS REGISTROS**

Como abordamos nos capítulos anteriores, principalmente no segundo, a puberdade é um fenômeno biológico, caracterizado por alterações hormonais que produzem transformações físicas essenciais, coincidentes com a maturação sexual e que impõem ao sujeito um árduo trabalho psíquico. O corpo púbere sofre alterações anátomo-fisiológicas intensas. Para as meninas, há o desenvolvimento das mamas e a menarca; para os meninos, mudanças na voz e surgimento de pelos faciais, por exemplo. Tais mudanças exigem uma ressignificação da relação com o próprio corpo,

---

<sup>6</sup> “Que notre corps soit à 3 dimensions, c’est ce qui ne fait aucun doute [...]”

pois “a relação especular do *eu* feita na infância é perturbada na adolescência” (LIMA; SANTIAGO, 2009, s.p.). Eis o labor adolescente!

Se compreendemos que as transformações corporais convocarão o adolescente a uma nova construção de balizas imaginárias e simbólicas a um corpo que irrompe algumas vezes como inapreensível para aquele que o experiencia, faz-se necessário revisitar os postulados de Freud e Lacan sobre o *eu* e corpo para prosseguirmos nesta discussão.

“O *eu* é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923/2011, p. 24), portanto, para melhor desenvolver a questão do corpo do adolescente, precisaremos retomar à formação do *eu*, brevemente abordada no capítulo anterior. Seguiremos a partir da concepção freudiana do narcisismo, primário e secundário, e voltaremos ao estágio do espelho explanado por Lacan.

Além da intenção de delinear uma fundamentação teórica a partir do ensino de Lacan, recorreremos aos fenômenos da automutilação e da tatuagem a fim de evitarmos excessivas abstrações conceituais. Aproximando, assim, o desenvolvimento teórico do trabalho do campo fenomênico presente na cultura e nas clínicas *psis*.

#### **4.1 Do corpo infantil ao corpo adolescente**

Em 1914, quando escreve *Introdução ao Narcisismo*, Freud o apresenta como uma fase do desenvolvimento sexual humano que se encontra entre o autoerotismo e o amor objetal. Após o percurso de alguns anos, o narcisismo foi então denotado como um conceito.

No denominado narcisismo primário, a libido é investida no eu, também chamada libido narcísica. “[...] todo o investimento libidinal do bebê é feito no seu próprio corpo, quando satisfaz suas pulsões parciais por meio das zonas erógenas a elas correspondentes” (ARAÚJO, 2010. p. 80), gerando um estado de satisfação em si mesmo. O narcisismo primário é sustentado pelo amor das figuras paterna e materna que, “[...] são levados a atribuir à criança todas as perfeições [...]” e a suspender as exigências da cultura para seus filhos (FREUD, 1914/2010, p. 25).

Freud considera haver uma passagem do narcisismo para o amor objetal quando da retirada de investimento da libido do *eu* para investi-la em um objeto. Entretanto, adverte que nem toda a libido passa do *eu* para o objeto e que a mobilidade da libido é essencial para a “[...] plena saúde da pessoa [...]” (FREUD, 1917/2010, p. 182). Nisso consistiria a segunda etapa do narcisismo ou narcisismo secundário, quando há o “[...] retorno ao eu dos investimentos feitos sobre objetos externos” (DRUBSCKY, 2008, p. 22).

Lacan faz uma correspondência entre seu estágio do espelho e a passagem do autoerotismo ao amor objetal no narcisismo primário, quando também enfatiza que o olhar da figura materna é fundamental e dá sustento ao processo. O surgimento do *eu* coincide com uma unificação – imaginária, diria Lacan - do corpo fragmentado do autoerotismo, bem como a distinção eu-outro. A partir da constituição do *eu* e da imagem de si mesmo, inicialmente através de um investimento externo de amor, ao bebê é dada a possibilidade de uma escolha objetal. O sujeito se constitui através da assimilação dessa imagem desejada pelo outro. Há uma “transformação produzida no sujeito quando ele se assume uma imagem” (LACAN, 1949/1998, p.97). Passa da insuficiência para a antecipação; de um corpo despedaçado para uma *totalidade ortopédica*. É essa *totalidade ortopédica*, imaginária por excelência, que sofre um abalo com as transformações do corpo púbere.

Quanto ao adolescente, portanto, o trabalho de reconhecimento e posse do corpo da primeira infância, de certa forma, retorna. Há um novo corpo em jogo e o que vai confirmar essa imagem do corpo não são mais o olhar e a voz da mãe, mas os olhares e os ditos dos seus pares (Dantas, 2002). Desenvolveremos esse aspecto mais adiante, destacadamente quando falarmos sobre a tatuagem.

A perspectiva imaginária do corpo, inicialmente explanada por Lacan, vai ao longo do seu ensino, “[...] mais-além do estágio do espelho, articulando-se também ao simbólico e ao real” (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p.146). O corpo precisa ser considerado pela ótica dos três registros. Enquanto no imaginário, o corpo é a imagem de como o sujeito se vê, e como acredita ser visto pelos outros, o corpo simbólico aponta para a relação fala-linguagem-corpo, que cria uma segunda pele tecida por significantes. O corpo real inclui o organismo, mas não só, é sinônimo de gozo; pura



energia psíquica que faz do corpo orgânico sua caixa de ressonância (CUKIERT e PRISZKULNIK, 2002; VICTORA, 2016).

Compreendemos que se a relação do sujeito com seu corpo não é uma relação tranquila, mas de estranheza (COPPUS, 2013), a relação do sujeito adolescente com seu corpo pode se aproximar fenomênicamente da psicose, tornando-se origem de múltiplos sofrimentos psíquicos. Talvez, essa estranheza citada pelo autor aponte para uma não-relação do sujeito com o seu corpo, pois não há encontro razoável entre o sujeito da psique e o real do corpo. Diz respeito, portanto, a uma questão relevante na clínica psicanalítica com adolescentes, como pode observar durante os estágios curriculares.

Para articular esse corpo adolescente pelo prisma dos três registros, escolhemos dois fenômenos contemporâneos, atualmente frequentes no âmbito da adolescência: automutilação e tatuagens. Cremos que através do delineamento dessas intervenções do adolescente no seu corpo, poderemos intuir o que faz laço, como se dá (ou se retira!) o investimento narcísico em si mesmo e como se revelam o corpo real, o corpo simbólico e o corpo imaginário durante o período da adolescência.

#### **4.2 Automutilação, tatuagem e a experiência adolescente do corpo**

A automutilação não é prerrogativa dos adolescentes, mas encontra neles sua maior incidência. Do latim *mutilatio*, transmite a ideia de amputar um membro do corpo ou de se cortar. Na automutilação, essa ação é auto infligida, repetitiva, podendo variar em gravidade, sem necessariamente haver intenção suicida consciente. Arranhaduras, cortes, perfurações, mordidas, queimaduras e beliscões, executados com as próprias mãos ou alguns objetos capazes de produzir lesão (CEDARO e NASCIMENTO, 2013; REIS, 2018).

Costuma ter início entre os 13 e os 14 anos de idade e pode perdurar de 10 a 15 anos e até por décadas. Há planejamento das lesões. Sua forma, profundidade e extensão são intencionais. Sentir mais ou menos dor e a intensidade do sangramento são variáveis desejadas e calculadas (GIUSTI, 2013).

Em um trabalho realizado por Giusti (2013), quando entrevistou um grupo de 40 pessoas com histórico de automutilação, os cinco primeiros motivos apresentados

para o ato foram os seguintes: parar sentimentos ruins; aliviar sensação de vazio; castigar-se; sentir algo, mesmo que fosse dor e sentir-se relaxado. Sublinhamos que esse é um trabalho de viés médico-epidemiológico. Apesar de informativo e relevante, pode divergir em algum ponto da compreensão estrutural da psicanálise.

Nas últimas décadas, esse comportamento tem estado cada vez mais presente na cena da clínica psicanalítica, tendo ocorrido um aumento de frequência substancial nos últimos 30 anos (FORTES; MACEDO, 2017). Para esses autores, há indubitável relação entre o corpo e a expressão do sofrimento.

Entendemos que a pele torna público aquilo que é silenciado, especialmente quando nos referimos a um corpo real, depositário de todo o recalado (VICTORA, 2016). Conforme Reis (2018), à medida que a angústia avança sobre o aparelho psíquico, como denomina Freud, avança também a prática do autoflagelo. Talvez pelo fato de que a angústia opera uma lacuna no registro simbólico, impedindo a articulação dos significantes. Diante do fracasso da palavra, quando só resta o real do corpo, é à pele que nos prendemos para não sucumbir.

Parece não haver no autoflagelo um endereçamento ao outro. É recorrente a ocultação das marcas sob peças de roupa de forma a retirá-las do olhar e do conhecimento do outro. Se, conforme abordamos anteriormente, há no estágio do espelho infantil alguém que olha, fala e constitui imaginariamente a unidade eu-corpo, na prática da automutilação, o sujeito prescinde desse outro. Dessa forma, “[...] se a dor não ressoa em ninguém, ela se mantém no próprio sujeito, é redirecionada para o corpo [...]” (FORTES; MACEDO, 2017, p. 357), e insiste por trás de representações não faladas num gozo que se repete.

Nesse caso, a escarificação não seria simplesmente uma autopunição, mas uma forma de deixar a dor moral escapar (FORTES; MACEDO, 2017), eliminando a barreira dentro-fora. Tais elementos explicitam a irrupção de real que há no gozo dos ferimentos auto infligidos, assim como distanciam grandemente da intenção deliberada de chamar atenção, como algumas orientações da psicologia poderiam afirmar.

Numa intrusão do real, as marcas no corpo parecem uma tentativa de fazer borda ao vazio, posto que “[...] a angústia atualiza o risco de que as bordas se percam e o sem limite rasgue o corpo” (COSTA, 2001 *apud* ANDRIOLI, 2014, p. 14).

Quanto à dor, muitos adolescentes referem dor leve ou moderada e até ausência de dor. Relatam que, depois de se ferir, experimentam relaxamento e bem-estar. A dor aproxima tanto do gozo quanto da vida. Para Dinamarco (2011)

A dor aparece como um ganho secundário da autopunição, ela se torna “gostosa” ou “gozoza” porque ao mesmo tempo em que se vinga do outro internalizado, o sujeito o expulsa do seu corpo momentaneamente (p. 32).

Como precisamos incessantemente recompor nossos suportes corporais, singularmente na adolescência, quando perdemos as antigas referências imaginárias infantis (COSTA, 2002), podemos igualmente considerar a automutilação como uma tentativa desesperada de apreender um corpo púbere que lhe é insólito, consequência do esvanecimento do corpo infantil imaginário. Nesse sentido, as marcas da automutilação são testemunho do esvanecimento do corpo imaginário infantil. “As marcas corporais são [...], maneiras de inscrever limites na pele e não mais apenas na metáfora”, ou seja, fora do simbólico. (BRETON, 2006, p. 2 – tradução nossa)<sup>7</sup>.

A cicatriz secundária à lesão torna-se uma fronteira que separa o *eu* do outro (DINAMARCO, 2011), o que nos recorda o trabalho psíquico da puberdade, explicado por Freud e já citado neste trabalho. Se a separação das figuras paterna e materna da infância parece impossível de acontecer simbolicamente, talvez o adolescente necessite de um reforço real, numa passagem ao ato decorrente da falência imaginária do *eu*.

Podemos inferir que a cicatriz se torna “[...] uma área erotizada, onde existe a certeza de que o sujeito está vivo” (DINAMARCO, 2011, p.33). O sangue, a dor e a marca são como um traço do real, uma marca do gozo no corpo imaginizado; um remédio para não morrer, para não desaparecer no colapso de si mesmo, causado pela angústia (LE BRETON, 2006). Após ferir-se, nos momentos seguintes, sobrevém uma sensação de estar vivo, um alívio temporário.

A incisão ergue um dique para afastar a sensação de perda narcísica, de um aumento meteórico na ansiedade ou de um afeto que ameaça levar tudo em seu caminho (LE BRETON, 2006, p. 47, tradução nossa)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Les marques corporelles sont des [...] manières d’inscrire des limites à même la peau, et non plus seulement dans la métaphore.

<sup>8</sup> L’incision dresse une digue pour conjurer le sentiment de perte narcissique, de montée fulgurante d’une angoisse ou d’un affect qui menace de tout emporter sur son passage.

A marca no corpo lembra a pulsão escópica e a substancialidade do olhar para constituir o corpo imaginário. Talvez neste lugar resida aquilo que diferencia a experiência com o corpo na automutilação e na tatuagem. Enquanto há um esforço de ocultação das marcas do flagelo, as tatuagens são exibidas, mesmo que intimamente, para pessoas escolhidas. Elas são feitas para capturar o olhar do outro (BARBERIS; LIPPI, 2009; DINAMARCO, 2011). Possivelmente, uma tentativa de antecipação daquilo que se pensa que o outro quer ver. Haveria aqui a busca por um novo espelho?

O lado estético da tatuagem – ornamentação e vestimenta do corpo – tem por função torna-lo ideal: ideal para o Outro, corpo-falo para satisfazer seu desejo (BARBERIS; LIPPI, 2009, p. 165 – tradução nossa)<sup>9</sup>.

A tatuagem, mais aceita socialmente hoje do que antes, tem sido eleita por muito jovens como forma de expressão. Consiste numa marca indelével, deliberadamente escolhida para se *in-corporar*. As gravuras vão tecendo uma segunda pele de significantes, sujeita a condensações e deslocamentos, uma vez que esse corpo simbólico não escapa à norma da linguagem (VICTORA, 2016). Refere-se à construção de um novo corpo, que não foi olhado pelos pais, mas pelos pares.

O que outrora marginalizava agora agrupa. Símbolos de times de futebol, animais, grifos, por exemplo, chancelam o pertencimento a um grupo específico. O imperativo adolescente da mudança das identificações pode encontrar no signo da tatuagem uma saída. Quiçá poderia suplantar as figuras parentais imaginárias?

No Seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1988), Lacan explica que

Uma das formas mais antigas de encarnar, no corpo, esse órgão irreal (o falo), é a tatuagem, a escarificação. O entalhe tem muito bem a função de ser para o Outro, de lá situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros. E, ao mesmo tempo, ela tem, de maneira evidente, uma função erótica... (p. 195).

Quando anteriormente citamos Freud para dizer que o *eu* é corporal, é nessa vertente que reiteramos estar a tatuagem relacionada à constituição do sujeito, no sentido de que ela funciona como um suporte da identificação imaginária (MOREIRA;

---

<sup>9</sup> Le côté esthétique du tatouage – ornementation et habillage du corps – a pour fonction de rendre celui-ci idéal: idéal pour l'Autre, corps-phallus pour satisfaire son désir.

TEIXEIRA; NICOLAU, 2010). Tatuia-se numa busca de dar consistência ao corpo, tanto na constituição subjetiva como na separação do outro.

Entretanto, Barberis e Lippi (2009) contestam a possibilidade de separação que seria produzida simbolicamente pela tatuagem. Sustentam que essa marca estética, narcísica, é destinada ao fracasso, pois toda forma de narcisismo lança inevitavelmente o sujeito nos braços do Outro. Consideram que a tatuagem não se torna uma linha de separação entre o corpo do sujeito e o Outro, ao contrário ela marca como pertencente a ele, privando-o de toda independência deste. A tatuagem, dessa forma, seria uma oferenda ao olhar e ao desejo do outro mesmo quando escondida.

Por outro lado, consideramos que as tatuagens também constituem um corpo singular, criando um efeito identitário imaginário. São como um nome de batismo para o eu ideal (BARBERIS; LIPPI, 2009). Além de fortalecer a imagem, as gravuras na pele estabelecem fronteiras. Costumam ter, no dito do adolescente, um propósito, mas encerram muitos outros significantes potentes para equivaler a uma percepção interna de si (MOREIRA; TEIXEIRA; NICOLAU, 2010). Ela pode estampar o que se deseja que seja visto, o que é difícil de se elaborar, o que é insuportável, o que constitui um vínculo frágil e o que, apesar de incompreensível, é considerado importante (CORSO; CORSO, 2014). Como diz Lacan (1962/2005), “[...] a falta de que falo aqui pode ser facilmente preenchida pelo símbolo; ela designa o lugar, designa a ausência, presentifica o que não está presente” (p. 147).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No início do nosso trabalho verificamos a escassez de uma teorização sistematizada sobre a adolescência na obra de Freud e no ensino de Lacan. Buscamos, então, encontrar em meio aos seus valorosos escritos vestígios da adolescência. Porém, antes de nos dedicarmos a eles, recordamos às hipóteses sobre a adolescência descritas pela psicologia desenvolvimentista clássica. Citamos autores de base biologicista filogenética e ontogenética, como Erik Erikson e de base cognitivo-desenvolvimentista, como Piaget, bem como Vygotsky, que defendia a perspectiva do materialismo histórico e dialético. Todos esses estabelecerem fases

sequenciais, apontando a adolescência como uma passagem para um devir adulto ontológico.

Incluimos os pensamentos de alguns estudiosos psicanalistas, como Françoise Dolto, Winnicott e Sônia Alberti, que enfatizam o inconsciente como objeto de estudo para considerar o desenvolvimento humano, assim como a perspectiva do *Projeto* freudiano e da revivescência do complexo de Édipo.

Em seguida, revisitamos brevemente as teorias freudianas. Como não há sistematização teórica sobre a adolescência, percorremos seus escritos desde a descoberta da sexualidade infantil e nos detivemos um pouco mais nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, de 1905.

Sobre a produção lacaniana, constatamos mais uma vez a ausência de princípios explícitos sobre a adolescência, mas acreditamos que ela não poderia estar ausente, mesmo que sua presença não seja tão evidente. Entendemos, como nos diz Lauru (2016) e Ouvry (2017) que, através do retorno a Freud - proposto pelo próprio Lacan - e sua teorização do sujeito, seja possível encontrar a adolescência de forma velada. Deste modo, prosseguimos com o constructo dos três registros a fim de delinear uma inteligibilidade teórica à experiência do corpo pelo adolescente.

Dedicamos o terceiro capítulo unicamente à construção teórica lacaniana e particularmente ao que ele denominou de três registros da realidade humana. Essa escolha deveu-se ao fato de os considerarmos de grande importância para compreender a experiência do adolescente com seu corpo. Ao mesmo tempo, recordamos o estágio do espelho enquanto discutimos sua relevância na formação do sujeito.

No quarto capítulo, nos detivemos, enfim, à experiência adolescente com o corpo. De início, comentamos as transformações corporais causadas pela puberdade para posteriormente discutirmos como isso pode afetar o adolescente. Trouxemos a teoria freudiana sobre o narcisismo, para junto com o estágio do espelho de Lacan, fundamentar nossa discussão. Recorremos aos fenômenos da automutilação e à tatuagem para realizar um recorte teórico que tornasse factível abordar a experiência do adolescente com seu corpo em uma monografia.

A partir dos ferimentos deliberados sobre si, encontramos uma invasão do real, talvez consequente à falência imaginária do *eu* e à impossibilidade de simbolização da angústia. Em virtude disso, o gozo é onipresente e não cessa de se

repetir. Quando nos detemos diante dos signos indelévels, tatuados na pele de adolescentes, foi possível intuir a construção de uma segunda pele, de marcar narcísicas elaboradas para o olhar de outros e do Outro.

Não tínhamos a intenção de abranger todo o tema nem de esgotar a questão. Ao contrário, entendemos que esse trabalho abre mais possibilidades de investigação do que oferece respostas. Versamos sobre o corpo do adolescente tendo como pretexto o autoflagelo e a tatuagem. Acreditamos que muito mais pode ser pesquisado também através de outras manifestações sintomáticas atuais.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito adolescente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. 288 p. ISBN 978-85-7740-060-7.

\_\_\_\_\_. O Adolescente e seu Pathos. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 183-202, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **O adolescente e o outro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. ISBN: 978-85-7110-776-2.

ANDRIOLI, PATRICIA LOURENÇO. **O corpo na adolescência**. Orientador: Tania Maria de Souza. 2014. 28 p. Monografia (Graduação) - UNIJUI - Santa Rosa, Santa Rosa, 2014. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2901/Pati%20-TCC%20formatado%20%283%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 jun. 2020.

ARAUJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 jun. 2020.

ARIÈS, Philippe. (1978). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

AYUB, Renata Cardoso Plácido; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 582-601, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 ago. 2019.

BARBERIS, Orsola; LIPPI, Silvia. Effraction et nom à l'adolescence: le tatouage. **Cahiers de psychologie clinique**, Paris, v. 2, n. 33, p. 159-175, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cahiers-de-psychologie-clinique-2009-2-page-159.htm>. Acesso em 9 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 60 p. ISBN 85-334-0856-0.



CEDARO, José Juliano; NASCIMENTO, Josiana Paula Gomes do. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 203-223, ago. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642013000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642013000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 jun.2020.

CLAVURIER, Vincent. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 39, p. 125-136, jul. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372013000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 maio 2020.

COELHO, Daniel Menezes; SANTOS, Marcus Vinicius Oliveira. Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. **Rev. Analytica**, São João del Rey, v. 1, n.1, p. 90-105, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/235/372> Acessos em: 21 ago. 2019.

COPPUS, Alinne Nogueira Silva. O lugar do corpo no nó borromeano: inibição, sintoma e angústia. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 15-27, jun. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382013000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 maio 2020.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 23 ago. 2019.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Corpos ilustrados e enfeitados: tatuagens e marcas corporais. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 138-150, 2014. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/rbp.celg.org.br/pdf/v16n1a12.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. "Se fazer" tatuar: traço e escrita das bordas corporais. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 56-63, 2002. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282002000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 08 jun. 2020.

CUKIERT, Michele. Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 225-241, jun. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000100022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100022&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 abr. 2020.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan Uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise: Freud, Reich e Lacan. **Estud.**

**psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 1, p. 143-149, jan. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 07 abr. 2020.

CUNHA, Raquel Basílio da. A relação significativa e significado em Saussure. **ReVEL**, [S. l.], ano 2008, v. 6, n. 2, p. 1-14, 3 nov. 2008. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_a\\_relacao\\_significante\\_e\\_significado\\_em\\_saussure.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_a_relacao_significante_e_significado_em_saussure.pdf). Acesso em 25 maio 2020.

DANTAS, Nara Maria. **Adolescência e Psicanálise**: Uma possibilidade teórica. Orientador: Maria Cícilia Ribas. 2002. 56 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2002. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/182/1/Nara%20Dantas.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

DINAMARCO, Adriana Vilano. **Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação**. Orientador: Avelino Luiz Rodrigues. 2011. 116 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-06092011-162704/publico/dinamarco\\_me.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-06092011-162704/publico/dinamarco_me.pdf). Acesso em: 7 jun. 2020.

DRUBSCKY, Camila Andrade. **Até que ponto o narcisismo pode ser datado?** Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier. Orientador: Ana Maria Rudge. 2008. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11780/11780\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11780/11780_1.PDF). Acesso em: 4 jun. 2020.

FORTES, Isabel; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Barranquilla-Colômbia, v. 20, n. 38, p. 353-367, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v20n38/0124-0137-psico-20-38-00353.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 5. ISBN 978-85-8217-985-7.

\_\_\_\_\_ (1888). Histeria. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 1, p. 75-94). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1900). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. VII, p.118-230.

\_\_\_\_\_ (1914-1916). **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Companhias das Letras, 2010. ISBN: 978-85-359-1606-5.

\_\_\_\_\_ (1918). História de uma neurose infantil. In: S Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1920). **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher**. In: S Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1923-1925). **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Companhias das Letras, 2010. ISBN:978-85-359-1872-4.

\_\_\_\_\_ Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 2, p. 13-367.

\_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica (1895)**. In: **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 381-517.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 235 p. ISBN 978-85-7110-003-9.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. ISBN: 9788597012613.

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. Orientador: Sandra Scivoletto. 2013. 183 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/publico/JackelineSuzieGiusti.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no ocidente. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 47-51, 1 jul. 2010. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=235#](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=235#). Acesso em: 2 mar. 2020.

INHELDER, Bärbel Elisabeth; PIAGET, Jean. **De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent**. 1. ed. Paris: PUF, 1955. 314 p. Disponível em:

[http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/textes/index\\_extraits\\_chrono4.php](http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/textes/index_extraits_chrono4.php). Acesso em: 11 abr. 2020.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, junho 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acessos em: 23 ago. 2019.

JACQUES LACAN. In **Encyclopædia Britannica**. 2020. Revisado em 09 abr. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jacques-Lacan>. Acesso em: 06 mai, 2020.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. ISBN: 978-85-378-0276-2.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 85 p. ISBN 85-7110-854-4.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 785 p. ISBN 85-7110-360-7.

KOSHINO, Ila Leão Ayres. **Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético**. Orientador: João Batista Martins. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000162263>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LACAN, Jacques (1962-1963). **O seminário, livro 10: a angústia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. ISBN: 978-85-7110-886-8.

\_\_\_\_\_ (1964). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. ISBN: 85-85061-10-3.

\_\_\_\_\_ (1966). **Escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 940 p. ISBN 978-85-7110-443-3.

\_\_\_\_\_ (1971-1972). **O Seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_ (1953) **Le symbolique, l'imaginaire et le reel**. Conferência inédita. Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1953-07-08.pdf> Acessos em: 09 maio 2020.

\_\_\_\_\_ (1974-1975) **Séminaire: 22, RSI**. Inédito. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S22/S22%20R.S.I.pdf> Acessos em: 09 maio 2020.

\_\_\_\_\_ (1975). **O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. ISBN: 86-86061-09-X.

LAURU, Didier. Lacan à l'adolescence. **Adolescence**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 357-376, 19 set. 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-adolescence-2016-2-page-357.htm>. Acesso em: 25 mar. 2020.

LE BRETON, David. Scarifications adolescentes. **Enfances & Psy**, Paris, v. 3, n. 32, p. 45-57, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-enfances-et-psy-2006-3-page-45.htm>. Acesso em 8 jun. 2020.

LIMA, Nádia Laguárdia de; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. **ASEPHallus**, [S. l.], v. 4, n. 8, maio a out 2009. Disponível em: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_08/artigo\\_05\\_port.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_05_port.html). Acesso em: 26 maio 2020.

MATHEUS, Tiago Corbisier. **Adolescência**: história e política do conceito na psicanálise. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. ISBN 978-85-7396-534-6.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; NICOLAU, Roseane de Freitas. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142010000400004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000400004&lng=pt&nrm=iso). acessos em 02 maio 2020.

MOTA, Márcia Elia da. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso). acessos em 19 abr. 2020.

OLGIVIE, B. (1991). **Lacan: a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ISBN: 978-85-7110-037-4.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, ago. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722006000200022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200022&lng=en&nrm=iso). Acesso em 11 abr. 2020.

OLIVEIRA, Rackel Hagen. **A Gênese da Teoria Lacaniana do Estágio do Espelho**: os materiais para construção. Orientador: Richard Theisen Simanke. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/files/2010/01/Rackel-Hagen-de-Oliveira.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.

OUVRY, Olivier. Lacan, théoricien du pubertaire?. **Adolescence**, Paris, v. 34, n. 2, p. 239-250, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-adolescence-2016-2-page-239.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

\_\_\_\_\_ A teoria do puberal em Jacques Lacan. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 311-320, ago. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982017000200311&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200311&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 23 abr. 2020.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. ISBN: 978-85-7110-571-3.

RABELAIS, Giselle Wendling. **A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino**. 2012. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: 68. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=29070@1>. Acesso em: 3 jun. 2020.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O Adolescente e o Psicanalista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. 213 p. ISBN 85-85717-23-8

REIS, Maurício de Novais. Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 50-67, 2 jan. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/36069>. Acesso em: 27 maio 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paul Enferm.** São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso)>. Acessos em: 14 out. 2019.

SADALA, Glória; MARTINHO, Maria Helena. A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 243-258, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982011000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 maio 2020.

SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M. de. A Constituição do sujeito na psicanálise. **Akrópolis** Umuarama, v. 24, n. 2, p. 113-129, jul./dez. 2016. Disponível em: Acesso em 18 maio 2020.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n.1, p. 101-108, mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722012000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 abr. 2020.

TOLEDO, Juliane Alvarez de; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 139-156, jan. 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2017000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 27 ago. 2019.

TRINCA, Ricardo Trapé. Um breve comentário sobre o "umbigo do sonho", de Freud. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 117-126, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352015000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 maio 2020.

VALAS, Patrick. **As dimensões do gozo**: do mito da pulsão à deriva do gozo. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 116 p. ISBN 85-7110-619-3.

VICTORA, Ligia Gomes. Corpo real, corpo simbólico, corpo imaginário. **Correio APPOA**, Porto Alegre, ano 2016, v. 21, n. 253, p. 4-10, 15 mar. 2016. Disponível em: [http://www.apoa.com.br/correio/edicao/253/corpo\\_real\\_corpo\\_simbolico\\_corpo\\_imaginario/295](http://www.apoa.com.br/correio/edicao/253/corpo_real_corpo_simbolico_corpo_imaginario/295). Acesso em: 1 maio 2020.

VIEIRA, Alessandra Aguiar; VORCARO, Ângela Maria Resende. Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 144-154, ago. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642014000200144&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000200144&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 17 abr. 2020.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra. Vygotsky com Lacan: considerações sobre a formação dos conceitos na adolescência. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 432-440, dez. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642017000300432&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000300432&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 11 abr. 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. ISBN: 978-85-7126-036-8.

\_\_\_\_\_. **Da Pediatria à Psicanálise**: Obras escolhidas. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 456 p. v. 1. ISBN 85-312-0739-8.